Televisão, Família e Identidade: Parte de um Projeto Integrado

Nilda Jacks

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Brasil

“Uma exposição sobre uma pesquisa é, com efeito, o contrário de um ‘show’, de uma exibição na qual se procura ser visto e mostrar o que se vale. É um discurso em que a gente se expõe, no qual se correm riscos (...). Quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existem de tirar proveito da discussão e, estou certo, mais benevolentes serão as críticas ou os conselhos (...).”

(Bourdieu, O Poder simbólico)

Resumen: Este texto presenta estrategias teóricas y metodológicas acerca de dos estudios de recepción relacionados el uno con el otro. Forman parte de una investigación denominada: “Nuevas Tecnologías, nuevo televidente en la televisión brasileña”. El texto enfatiza en las historias familiares como técnica adecuada para entender el proceso de recepción y de formación de identidades.

Abstract: This text presents the theoretical and methodological strategies about two reception studies related to each other. They are part of a integrated research called “New technologies, new viewer and brazilian television”. The text emphasizes family stories as a suitable technics to understand the reception process and the identity construction.

Este texto pretende apresentar as estratégias teórico-metodológicas de uma pesquisa que está articulada com outras duas (Tufte), todas compondo um projeto integrado (Capparelli) o qual tem como objetivo entender as profundas mudanças que vive o mercado brasileiro de televisão, a partir da introdução da tv por assinatura, que obviamente está modificando também o comportamento das audiências. Este fato tomou impulso com a lei de televisão a cabo, em vigor desde 6 de janeiro de 1995.

Essas mudanças levantam numerosas questões, tanto no que se refere à produção quanto à recepção, exigindo do pesquisador uma nova postura que o leve a refletir sobre a importância do global e do

local dentro do novo cenário, o que o impede de recuar diante do desafio de enfrentar também, e finalmente, as relações entre o micro e o macro contextos.

Até recentemente, os estudos de comunicação, independente da perspectiva adotada, ora contemplavam a análise das macroestruturas sociais e/ou político-econômicas, ora desciam ao detalhe da análise da mensagem, via semiótica, retórica, análise de conteúdo ou do discurso. Mesmo no trato da comunicação como fenômeno social, ou seja, privilegiando o primeiro eixo de análise referido, a questão ou se limitava aos ambientes empíricos da interação humana (contextos microsociais) ou às análises empíricas e críticas das mais amplas, embora abstratas, esferas do político, do econômico, da ideologia, da cultura (contexto macrosocial) (Lull, 1992: 51).

Hoje é reconhecido que nenhuma das perspectivas conseguiu dar conta da complexidade que envolve o processo da comunicação, uma vez que ele é, ao mesmo tempo um fenômeno discursivo e social.

O momento atual envolve muitas tentativas de superar estas análises dicotomizadas, buscando um nível de discussão teórica e metodológica que contemple o entendimento da interrelação que os âmbitos macro e micro sociais alcançam. Esta preocupação é essencial, especialmente entre os pesquisadores que querem compreender as determinações e indeterminações existentes na relação dos receptores com os meios de comunicação, ou seja, entre as estruturas e os processos de comunicação.

Este é um desafio urgente que envolve uma discussão multi, inter ou transdisciplinar, pois mais que um problema interno da ciência é o contexto histórico que impõe esta postura, uma vez que a fragmentação do social e a mundialização da cultura são fatos que parecem ser irreversíveis. Isto exige um instrumental novo para entender as novas relações que se estabelecem na grande diversidade e mudança sócio-cultural que está em construção.

Algumas propostas de compatibilizar tradições “incompatíveis” já estão em circulação na esfera acadêmica: as que buscam a interação da micro e da macrosociologia, as que aproximam o texto do contexto, as que dão à comunicação o estatuto de cultura, entre outras.

Articulações da pesquisa

Na tentativa de referendar esta discussão, a pesquisa que está em andamento tem como referência epistemológica as propostas de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, as quais deverão inspirar a reflexão sobre a produção social do sentido, preocupação básica desta investigação, que quer pensar os sistemas e processos de comunicação à luz de uma teoria social, a qual dê conta das imbricadas relações entre micro e macro social, entre estruturas e agentes, entre campos de produção cultural e práticas cotidianas, dentre outras questões que emergem disso.

O ponto de partida será Bourdieu, cujo contraponto aos limites de sua teoria - tida por alguns estudiosos de sua obra como uma sociologia da reprodução - será feito através da visão sociológica de Giddens, que examina as estruturas sociais de maneira mais flexível e vê a comunicação como elemento básico para o estabelecimento das complexas relações entre agentes e instituições, integrando contextos micro e macro.

Neste momento, os autores que contemplam a aproximação entre economia política e estudos culturais farão a passagem para o próximo nível, o teórico, e darão o fio condutor para a articulação entre o subprojeto sobre o sistema de TV a cabo no Brasil (Capparelli) e os dois que pretendem o estudo das identidades e das práticas cotidianas da audiência (Jacks e Tufte).

No nível teórico-metodológico, alguns modelos já desenvolvidos irão orientar a pesquisa, entre eles os propostos por James Lull, Jorge González, Granham Murdock, Martín-Barbero, Guillermo Orozco e García Cancellini. Todos estes modelos, uns mais acabados e/ou suficientes que outros, pensam as relações comunicativas entre os meios e sua audiência através de uma densa trama teórica, operacionalizada por uma multimetodologia, que dê conta da complexidade de fenômenos que ocorrem nos âmbitos da produção, da mensagem e da recepção, todos contextualizados por uma realidade histórico-cultural.

Em termos amplos, o estudo macro-estrutural está regido, em certo sentido, pela lógica das determinações e os outros dois mais identificados com a lógica das mediações. Entretanto, o objetivo final é alcançar uma problematização destas duas lógicas que imperam

solitárias nas pesquisas de comunicação, através da articulação das pesquisas na tentativa de superar algumas dicotomias.

Em outras palavras, poderia ser dito que os dois projetos que privilegiam a recepção estão à busca de entender o processo de comunicação, enquanto que o outro procura desvendar o sistema. Mas outra vez o que se quer é a articulação entre estas duas instâncias, ou seja, o que interessa para esta pesquisa é romper com as análises polarizadas da comunicação, o que inclui além das já citadas (processo e sistema), as existentes entre micro e macro análise e entre o estudo das estruturas separado do estudo dos agentes e vice-versa.

O ponto de articulação dos projetos, entende-se, será a cultura, entre outras razões porque põe em relação um tipo de sistema, um tipo de televisão –a brasileira– e uma audiência – os receptores gaúchos¹ – que certamente não é homogênea, devido a todos os aspectos sócio-econômicos e histórico-culturais que a configuram, acrescido do fato de que ambas as instâncias estão sujeitas à tendência de mundialização da programação televisiva e da cultura como um todo. Isto é querer entender as questões estruturais permeadas pelas culturais e não só pelas políticas e econômicas, assim como as práticas cotidianas também como práticas políticas e culturais, e sujeitas às estruturas.

E pela natureza do problema que se quer construir, este ponto de cruzamento/ articulação está sob a tensão contemporânea do referencial global/ local, o que poderá em alguns casos específicos ser fortemente mediado pelo regional, como no caso em estudo (Jacks, 1993).

No âmbito dos procedimentos técnicos, os dois projetos que privilegiam o estudo do pólo da recepção, em um sentido amplo, trabalharão articulados por um eixo sincrônico e um diacrônico. No primeiro eixo, a etnografia produzirá dados sobre o cotidiano e as relações sociais e familiares que revelam as práticas culturais e os usos dos meios de comunicação, em especial a TV a cabo, a qual conecta a cultura global com a local.

¹ Gaúcho é um gentílico usado para denominar as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, estado mais meridional do Brasil.

No segundo eixo, a técnica de histórias de família garantirá a análise de três gerações, na intenção de descrever como as identidades étnica e regional se constroem e se transformam de uma geração a outra, sob a influência ou não dos meios de comunicação presentes em cada época (rádio, TV aberta, TV por assinatura). Também interessa conhecer como a instituição familiar contribui para a formação das audiências televisivas, no que diz respeito à formação do gosto por gêneros e tipos de programas, ao tipo de relação com o meio, à definição de papéis na estruturação do conhecimento, das opiniões, das visões de mundo (González, 1995) etc.²

Uma família comum aos dois subprojetos será estudada em cada estrato sócio-cultural, conjugando também origem étnica, como estratégia para pensar a complementariedade das técnicas de pesquisa e o enriquecimento dos dados empíricos sobre a recepção de TV a cabo³.

Histórias de família

Esta é uma técnica bastante utilizada em diversas áreas das ciências sociais, constituindo já uma tradição e um corpus bibliográfico bastante extenso. Nos estudos de comunicação, em especial nos de recepção, embora a família seja um grupo privilegiado, a exploração desta técnica ainda é bastante escassa. Isto no sentido do rigor que a técnica exige, pois a maioria dos estudos reconhece a família como o grupo básico para estudar a recepção, mas não dispensa esforços teórico-metodológicos mais específicos para conhecer as intrincadas relações que se dão neste complexo grupo social.

A importância de estudar a família de forma mais sistematizada, mais densa, reside no fato, segundo González (1994: 18), de que “esta institución no especializada sigue siendo un micro-espacio determinante en la primera socialización, que es además el lugar de la

² Segundo González (1995), é importante conhecer os micro-culturas familiares porque “todas las familias se forman, crecen y se desarrollan dentro de un universo simbólico de ideas-fuerza que orientan la acción y las interacciones. (...) Es por eso que debemos tratar de esclarecer dentro de las micro-historias que nos cuentan ¿Qué tipo de valores se fomentaban? (trabajo, esfuerzo, cultura, poder, dinero, “palancas”, fé, organización, tolerancia, etc)...”

³ A pesquisa está sendo realizada em Porto Alegre, capital do rio Grande do Sul.

intimidad hongareña”. Em sentido mais amplo, Bertaux e Bertaux-Wiame⁴ dizem que as histórias de família são uma ferramenta para observar o social, pois constituem uma via de acesso muito rica para conhecer os processos de formação de trajetórias sociais, individuais e familiares:

...en particular a lo que podríamos llamar los procesos internos de las familias y los individuos, en oposición a los procesos externos (mercado de trabajo, oportunidades, acontecimientos históricos colectivos, etc. (Bertaux e Bertaux-Wiame, 1994: 28).

Ainda segundo eles, as histórias de família ajudam a entender também as relações entre pais e filhos (ascendentes, colaterais e descendentes), além de todo o tipo de transmissão que ocorre de geração para outra: modelos de conduta e de atitude, de valores e proibições, recursos lingüísticos, perceptivos, cognitivos, comunicacionais, afetivos etc, assim como os recursos econômicos e patrimoniais. Estas transmissões são mais ou menos conscientes ou desejadas e mais ou menos incorporadas por aqueles a que são destinadas.⁵

Sendo um método qualitativo, ao contrário do que se possa pensar, fazer história de família não leva somente a dados particulares, isto se dá apenas parcialmente, pois é possível encontrar muitos pontos em comum com outras famílias. Para isto é necessário tornar explícitos os elementos sociológicos encontrados nos relatos familiares, através de análises comparativas entre fatores internos e externos a elas, diferenças iniciais de recursos econômicos e culturais, de contextos locais, de microclimas familiares etc. É preciso trabalhar também com informações sobre o campo de possibilidades de cada época, correspondente a cada geração e com os elementos de produção de sentido que têm dimensão social, para proceder à análise.

Neste caso, trata-se de identificar relações, processos, vínculos de causalidade, contradições etc., que levarão a uma teorização em um

⁴ Daniel Bertaux, juntamente com Thompson, Passerini, Ferrarotti, entre outros, são os renovadores desta técnica, propondo-a mais do que como técnica, como uma nova perspectiva para estudar as sociedades complexas, o que, constituiu a terceira fase dos estudos de história oral, segundo Santamarina e Marinas (Delgado y Gutiérrez, 1995: 257)

⁵ No mesmo sentido que Bourdieu pensa a noção de habitus.

vai-e-vem dialético entre observação e conceitualização (Bertaux e Bertaux- Wiame, 1994: 54). Ou seja, pode-se substituir o critério de “representatividade estatística” pelo de “representação estrutural”, largamente utilizado por Bourdieu, uma vez que é possível reconstruir épocas e eventos históricos-culturais a partir de trajetórias pessoais e familiares através do estudo de poucas famílias.⁶

Segundo González (1995: 136), histórias de família não são outra coisa que:

...narraciones que nos documentan la no-linearidad de los cursos de vida y así, cada familia o individuo no es sólo un átomo de la esquina más alejada de la sociedad, sino que con provecho puede volverse observable como un sistema a escala contenido dentro de un tejido complejo de macro estructuras que más bien se parecen a un holograma que a una cebolla: cada fragmento de aquél reproduce la totalidad de la imagen.

Em termos interpretativos há muitos níveis, alguns contraditórios, outros complementares, todos embutidos na “doxa”, que são as interpretações de primeira ordem que todos fazemos do cotidiano que vivemos. Este é o material a ser coletado, analisado e interpretado, o qual deve ser calcado nos fatos, e acima de tudo, no sentido dado pelas famílias.

Operacionalmente⁷, a técnica de histórias de família combina várias etapas e várias fontes: orais, escritas, iconográficas, documentais etc., que registrem informações do maior número possível de pessoas, de no mínimo três gerações em cada família. Colhe-se múltiplos testemunhos de uma mesma família sobre diversas aspectos que a cercam: regras, valores, hábitos, atitudes, estratégias, conflitos e tudo que é transmitido de uma geração a outra.

A seleção das famílias depende principalmente do problema de pesquisa, neste caso, os critérios foram: 1) que o núcleo familiar-base fosse assinante de televisão a cabo, 2) que morasse em determinado

⁶ González, chama de construção da dimensão fractal o estudo da singularidade estrutural de cada caso familiar em sua relação com o social.

⁷ Segue-se o modelo proposto por Jorge González. (1995)

bairro da cidade⁸, e 3) que pertencesse a uma das principais etnias que emigraram para o estado (Alema, italiana, judia e negra).

Na primeira fase, os informantes devem ser selecionados por sua capacidade de narração e pela detenção das maiores informações sobre a família, estas pessoas costumam ser as mulheres adultas ou anciãs. As regras básicas são do método de história oral e algumas vezes as histórias de família podem apoiar-se em uma ou outra história de vida, pois existem pessoas cuja trajetória pode influenciar profundamente uma história familiar. No caso em questão, a entrada nas famílias deu-se pela via do conhecimento ou da indicação de um membro em cada família, o que em duas delas resultou no contato inicial com homens, os quais por suas características pessoais, detinham um bom nível de informações sobre suas famílias.

De qualquer forma, a unidade de observação deve ser uma família extensa, ou seja, que envolva no mínimo três gerações, partindo de um casal- base (2º geração), acrescentando seus filhos (3º geração), além dos irmãos do casal com seus cônjuges (os cunhados e concunhados) e seus filhos (sobrinhos do casal). Assim a 2º e 3º gerações já estão amplamente representadas. Quanto a 1º geração, podem ser incluídos, além dos pais do casal, os sogros dos irmãos do casal ou os tios do casal. A definição destas alternativas dependerá do problema de pesquisa, nesta a 1º geração incluiu os pais do casal-base mais seus irmãos.

A coleta das informações foi realizada através de entrevistas com vários membros da família, primeiramente para obter os dados biográficos, que devem ser registrados em fichas individuais e para casais. Os dados principais para a ficha dos casais são: nome da família, geração, nome dos cônjuges, data de casamento, tipo, separações, descendentes, residências. Para os dados individuais são: família, parentesco, nome, sobrenome paterno e materno, geração, sexo, religião, local e data de nascimento, escolaridade, profissão, casamentos, filhos e mudanças.

Estas informações apareceram cercadas de muitos relatos familiares e individuais, que segundo González, (1995) devem neste

⁸ Os dois primeiros e os dois últimos cabeados, para verificar a consolidação ou não de novos hábitos a partir da assinatura de tv a cabo.

momento serem enfocadas nos seguintes aspectos: trajetórias, micro-culturas familiares, processos de transmissão e contextos sociais.

Com estes dados foram construídos os genogramas, uma espécie de árvore genealógica, que possibilitou uma visão de conjunto das relações que se estabelecem em cada rede familiar, além de deixar ver as influências externas, vindas dos contextos sociais, uma vez que o tempo histórico-social esteve sempre presente na construção do genograma. O tempo histórico é importante porque ajuda a localizar cada geração em sua década correspondente, além de contextualizar outros acontecimentos importantes em cada família. Assim, o genograma “nos va mostrar las relaciones parentales básicas y al mismo tiempo, la inscripción del tiempo biográfico (las vidas) en el tiempo histórico” (González, 1995: 147).

Quanto à história propriamente dita, pela natureza da técnica, obviamente que não há uma única e verdadeira história de família a contar, há muitas versões e narrativas. Portanto, depende muito do trabalho do pesquisador- coerências das perguntas, quantidade e qualidade das informações, modos de sistematização, etc, a história que será escrita, re-contada a partir dos relatos e informações vindas das famílias e seus membros⁹. A presente pesquisa está exatamente nesta fase, de entrelaçamento e análise do material recolhido, com o qual serão escritas as histórias de cada núcleo familiar, conservando uma ordem cronológica dos acontecimentos, até que se possa depois de algumas versões destas histórias, escrever uma versão que contemple o entendimento global de cada família estudada.

Só então as questões que movem esta parte da pesquisa poderão ser mais densamente entendidas, pois terão uma matriz heurística construída a partir de uma visão interrelacional e estrutural dos grupos em foco, que torna observável o que se quer ver: em linhas gerais, a importância ou não das identidades étnicas, geracionais, familiares e regional, na construção do público de televisão e ao contrário, da TV e dos meios de comunicação na construção e reconstrução destas identidades.

⁹ Recomendações gerais para a escritura das histórias ver em González, (1995: 148-149)

Identidade regional e formações discursivas

A questão das identidades, sabemos, é bastante complexa, muito mais em um momento em que vive-se um processo de esfacelamento e, ao mesmo tempo, de reconstrução de muitas delas, a partir da transformação cultural advinda do processo de globalização da economia e mundialização da cultura.

É neste panorama de reordenamento que Otavio Ianni considera a região como o espaço que media a relação entre a cultura local e a global, uma vez que o estado-nação está em processo de fragilização diante do fenômeno da globalização (Jacks, 1996: 25) e que levantamos a hipótese, baseado em muitas evidências empíricas¹⁰, de que no universo pesquisado a identidade regional é uma mediação fundamental.

Neste ponto retoma-se Bourdieu (1989: 112)., que nos sugere pensar o regional como um campo, uma vez que além de representações mentais -língua, sotaque, dialeto, caráter etc- existem as representações objetais em coisas -emblemas, bandeiras, hinos, indumentárias, etc- e em atos- estratégias de manipulação simbólica com o objetivo de determinar as representações mentais, as quais, ressalta o autor, funcionam na prática e são orientadas para a produção de efeitos sociais.

Nas palavras de Sérgio Miceli (1982: 14)“a concepção de um campo simbólico dotado de autonomia relativa envolve uma regionalização da realidade social cujos fundamentos (...) derivam tanto de um processo histórico singular quanto de categorias aí produzidas que passam a informar e justificar o princípio de diferenciação em que se apóia uma dada concepção teórica”. Como o conceito bourdiano de campo tem uma de suas origens na concepção marxista de classe, em uma condição particular (aproximação com os conceitos gramscianos), cujo aparecimento deve-se “ao trabalho específico realizado por grupos de agentes especialmente treinados, ‘funcionários’ que, embora estejam sempre atendendo aos interesses materiais e ideais das classes, não podem eles mesmos serem

¹⁰ Oliven (1992), Leal (1989, 1992), Maciel (1984) , Jacks (1987, 1993), Lessa (1985), Golin (1983), entre muitos outros.

considerados em termos de uma definição restrita de classes (...)”(Miceli, 1982: 14), pode-se pensar a questão da identidade regional a partir da idéia de campos em disputas simbólicas. Neste sentido, a noção de identidade não perde a dinâmica de todo e qualquer processo cultural e pode ser analisada empiricamente a partir dos discursos produzidos pelos grupos em disputa na constituição e defesa da hegemonia de sua perspectiva identitária.

No que se refere, então, aos aspectos mais propriamente discursivos, Murdock fornece a possibilidade de pensar a identidade regional em termos de formações discursivas que são:

...maneiras organizadas de descrever e explicar o mundo social ou proporções dele. Emergem em pontos particulares no tempo e têm histórias comprováveis.¹¹ Compreendem quatro elementos principais: 1) sistemas de classificação, que definem afinidades e antagonismos; 2) nomes e imagens favoritas, que concretizam e afirmam as divisões chaves; 3) formas de argumentação e raciocínio, que conectam os elementos medulares entre si e 4) princípios de avaliação, que convertem as diferenças em distinções morais (Murdock, 1990: 201).

Entretanto, Murdock adverte que apesar das formações discursivas estarem organizadas não são necessariamente coerentes, podem apresentar inconsistências lógicas e contradições, além de poderem apresentar desarticulações entre as conexões analíticas (faladas ou escritas) e as conotações ligadas a imagens preferidas, por exemplo, que são mais abertas a várias interpretações. Para ele, isto não significa que a noção de formações discursivas possa ser identificada com uma concepção clássica de que há um livre comércio de idéias, pelo contrário, o que há é uma luta constante por impor interpretações.

¹¹ Bourdieu, em um sentido muito próximo, propõe a análise das a) "classificações objetivas: quer dizer, incorporadas ou objetivadas, por vezes em forma de instituição (como as fronteiras jurídicas) e a relação prática, atuada ou representada, com essas classificações e, em particular, as estratégias individuais coletivas (como reivindicações regionalistas) pelas quais os agentes procuram pô-las ao serviço dos seus interesses, materiais ou simbólicos, ou conservá-las e transformá-las; b) relações de força objetivas, materiais e simbólicas, e os esquemas práticos (quer dizer, implícitos, confusos, e mais ou menos contraditórios) graças aos quais os agentes classificam os outros agentes e apreciam a sua posição nestas relações objetivas e, simultaneamente, as estratégias simbólicas de apresentação e de representação (deles próprios) que os outros lhes impõem" (1989: 122).

Ele sugere, aliás, ser mais útil pensar a sociedade contemporânea em termos de formações, tanto no que diz respeito às instituições como aos regimes, uma vez que o contexto sócio-cultural atual é constituído por um processo complexo e contraditório, incapaz de ser pensado somente em termos estruturais (Murdock, 1993: 521-539).

Assim, a noção de formações tem uma associação positiva com tempo e mudança, o que não significa desconhecer as continuadas relações de poder existentes nas sociedades capitalistas, que se manifestam inclusive entre diferentes etnias e gêneros. Murdock (1993: 521-539) aponta três formações principais que distinguem a modernidade: 1) as formações econômicas e políticas, as quais produzem as regras e fontes que organizam as experiências institucionalmente; 2) as formações culturais e de saber/conhecimento, que produzem discursos e representações que revestem de significado as experiências; 3) e as formações da vida cotidiana, onde os âmbitos anteriores são incorporados e vivenciados.

Operacionalmente, pretende-se criar uma base de dados sobre identidade cultural gaúcha, tratada como uma formação discursiva a partir da análise de discursos e representações¹² produzidos pela intelectualidade regional e publicadas na série "Nós, os Gaúchos".¹³ Esta coleção constitui um corpus cuja quantidade e representatividade é bastante significativa¹⁴, acreditando-se, portanto, na identificação dos principais elementos simbólicos que constituem o campo da produção regional, além dos capitais culturais e sociais dos produtores

¹² A construção da estrutura da base de dados realiza-se em constante "diálogo" com um corpus de textos, a partir dos elementos indicados por Murdock (p.10) em um vai-e-vem analítico-interpretativo.

¹³ Publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, constituída de: "Nós, os gaúchos" (1992), "Nós, os gaúchos/2" (1994), "Os teuto-gaúchos" (1996), "Os ítalo-gaúchos" (1996) e "Os afro-gaúchos" (1996).

¹⁴ As publicações reúnem 239 artigos, produzidos por: 31 historiadores, 10 políticos, 34 escritores, 4 sociólogos, 9 antropólogos, 5 músicos/compositores, 20 jornalistas, 26 professores de letras/literatura, 1 cientista político, 2 físicos, 13 professores universitários (artes, música, geografia política, educação física, etc), 7 filósofos, 5 educadores, 2 folcloristas, 1 livreiro, 1 editor, 1 economista, 5 arquitetos, 4 médicos, 3 museólogos, 1 advogado, 1 ecologista, 1 estilista, 3 teatrólogos, 2 fotógrafos, 2 cineastas, 1 artista plástico, 3 cartunistas, 1 militar (ex-presidente da república), 1 diplomata, 4 religiosos e outros sem identificação mais precisa.

destes discursos e de que perspectiva disciplinar escrevem. Isto tornará observável o campo de disputas pela afirmação da identidade regional e que estratégias simbólicas são utilizadas para sua efetivação.

A estratégia metodológica, portanto, é analisar 1) o campo da produção simbólica regional a partir dos capitais simbólicos de seus produtores (formação, especialização e instituição) juntamente com seus capitais sociais (profissão, cargo, instituição) e 2) o conteúdo dos textos incluídos na coleção para identificar os principais elementos da “formação discursiva sobre a identidade gaúcha”. A análise destes dados será realizada através de um tratamento estatístico próprio para dados qualitativos- análise fatorial de correspondência, que é uma “técnica estatística que permite medir e visualizar de modo gráfico o grau de associação de um conjunto de variáveis qualitativas para uma determinada população” (Fachel, et al., 1995). Este tratamento poderá revelar as tendências, relações e vínculos estabelecidos entre produção e produtores destes discursos.

Assim, a noção de “campo regional”, pensada a partir da reflexão bourdiana sobre a identidade regional (Bourdieu, 1989) e a de “formações discursivas”, proposta por Murdock, podem auxiliar na compreensão do significado dos movimentos culturais e da ação dos produtores culturais gaúchos na afirmação da identidade regional, vista por isso como mediadora do fenômeno de estruturação da audiência¹⁵. Isto porque a produção regional gaúcha permite configurar um universo cultural diferenciado, com características muito específicas, inclusive com circulação de bens simbólicos em um mercado independente do circuito nacional (Oliveira, 1991: 48), o que definiria um tipo muito particular de relação com a cultura global (e nacional) “aterrizada” via televisão a cabo. Isto vai no sentido do reconhecimento bourdiano de que a cultura se constitui em um campo com relativa autonomia, quanto mais ao tratar-se das culturas regionais.

¹⁵ Embora seja reconhecido a crescente tendência de que as audiências tornem-se comunidades interpretativas mais do que congregações físicas, como resultado do desencaixe entre tempo e espaço (Giddens) possibilitado principalmente pelos meios de comunicação de massa (Murdock, 1993).

Voltando ao projeto integrado, com esta arquitetura conceitual e na perspectiva de interrelacionar as instâncias micro-macro, a estruturação das análises e dos dados empíricos seguirá a concepção de Cáceres, que entende a composição e organização da vida social em quatro grandes campos, regidos pela combinação de tempo e espaço,¹⁶ indivíduo e coletivo (Cáceres, 1990).

Assim, no que diz respeito ao estudo do micro-social, o estudo etnográfico estará relacionado com a dimensão indivíduo- espaço e as histórias de família com a dimensão indivíduo-tempo. No nível macro, o estudo do equipamento cultural da cidade somado a disponibilização da TV a cabo estará vinculado a dimensão coletivo- espaço e a dimensão coletivo-tempo corresponderá ao contexto sócio-econômico-cultural, a história, onde as outras dimensões se inserem, servindo não apenas de cenário desta configuração mas de dimensão explicativa das relações que lá se estabelecem.

Referências bibliográficas

- Bertaux, Daniel e Bertaux -Wiame, Isabel (1994), "El Patrimonio y su linaje: transmisiones y movilidad social en cinco generaciones". En revista *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, Vol. VI, N.18.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand.
- Cáceres, Luis Jesús Galindo (1990), "La mirada en el centro. Vida urbana en movimiento", en Revista *Huella, Cuadernos de divulgación académica* n.19. Guadalajara: Iteso.
- Fachel, Jandyra; Leal, Ondina Fachel e Mário Guimarães Júnior (1995), "O corpo como dado: material etnográfico e aplicação de análise fatorial de correspondência", In Leal Ondina Fachel (org.) *Corpo e Significado, Ensaios de Antropologia Social*, Porto Alegre: Editora da Ufrgs.
- García Canclini, Néstor (1995), *Consumidores y ciudadanos. Conflictos multiculturales de la globalización*, México: Editorial Grijalbo.
- Golin, Tau (1983), *A ideologia do gauchismo*, Porto Alegre: Ed. Tchê.
- González, Jorge (1994), "La transformación de las ofertas culturales y sus públicos en México", en Revista *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, Vol. VI, N.18.
- _____ (1995) "Y todo queda entre familia: estrategias, objeto y método para historias de familias. en revista *Estudios sobre las culturas contemporáneas*. Época II, Vol. I, N.1.
- Gonzaga, Sergius e Fischer, Luís Augusto (org.) (1992), *Nós, os gaúchos*, Porto Alegre: Ed. Ufrgs.
- Gonzaga, Sergius e Bissón, Carlos Augusto (org.) (1994), *Nós, os gaúchos 2*, Porto Alegre: Ed.Ufrgs.

¹⁶ O autor nomeia de geografia e história.

- Jacks, Nilda. (1987), *Mídia Nativa: um estudo sobre a cultura regional do Rio Grande do Sul e sua relação com a indústria cultural*, Dissertação de mestrado, Eca/Usf.
- _____ (1993), *A recepção na querência; estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica*, Tese de doutorado, Eca/Usf.
- _____ (1996), "Audiencia nativa: cultura regional en tiempos de globalización", en revista *Estudios sobre las Culturas Contemporaneas*, Época II. Vol.II. N.3. pp-25-40
- Leal, Ondina Fachel (1989), *The gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas*, Tese de doutorado, Universidade da Califórnia, Berkeley.
- _____ (1992), "O mito da Salamandra do Jarau: a constituição do sujeito na cultura gaúcha", in revista *Cadernos de Antropologia*, no. 7, Porto Alegre: Ufrgs/lfch.
- Lessa, Luiz Carlos Barbosa (1985), *Nativismo, Um fenômeno social gaúcho*, Porto Alegre: L&PM.
- Lull, James (1992), "La estructuración de las audiencias masivas", in *Revista Dia-logos de la comunicación*. N.32
- Maciel, Maria Eunice de Souza (1984), *Bailões é disto que o povo gosta*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: Ifch/Ufrgs.
- Maestri, Mário (org.) (1996), *Nós, os ítalo-gaúchos* Porto Alegre: Ed. Ufrgs.
- Miceli, Sérgio (1982), "A força do sentido" (introdução), in BOURDIEU, Pierre, *Economia das trocas simbólicas*, S. Paulo: Editora Perspectiva.
- Murdock, Graham (1990), "*La investigación crítica y las audiencias activas*", in *Estudios sobre las culturas contemporaneas*, Vol. IV, N.10, pp. 187-223.
- _____ (1993), "Communications and the constitution of modernity", in revista *Media, culture and society*, Vol. 15, London: Sage.
- _____ (1991), "*La investigación crítica y las audiencias activas*", In *Revista Estudios sobre las culturas contemporáneas*, n.10, Colima, México.
- Oliven, Ruben (1991), "Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho", In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, N.15.
- _____ (1992), *A parte e o todo, a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes.*
- Santamarina, Cristina e Marinas, José Miguel (1995), "Historias de vida e historia oral" in Delgado, Juan Manuel e Gutiérrez, Juan (coord.), *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*, Madri: Editorial Síntesis.
- Santos, Boaventura de Sousa (1989), *Introdução a uma Ciência Pós Moderna*, Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (1995), *Pela mão de Alice. O social e o político na pós modernidade. S.Paulo, Cortez.*
- Tufte, Thomas (1995), "*Media Ethnography - analisis of the use and consumption of media flow in everyday life*", Texto apresentado no GT de Ficção Televisiva. XVIII Intercom, Aracaju.